

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
MESTRADO PROFISSIONAL EM FONOAUDIOLOGIA**

Christina Sales Moraes

**TRADUÇÃO, ADAPTAÇÃO E PADRONIZAÇÃO DE INSTRUMENTO DE
AVALIAÇÃO DO COMPORTAMENTO E DA ATITUDE NA COMUNICAÇÃO
EM CRIANÇAS QUE GAGUEJAM**

Rio de Janeiro

2010

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Christina Sales Moraes

Mestrado Profissional em Fonoaudiologia

Área de Concentração: Estudo dos Procedimentos, Técnicas e Produtos
Aplicados à Fala, Linguagem e Audição.

TRADUÇÃO, ADAPTAÇÃO E PADRONIZAÇÃO DE INSTRUMENTO DE
AVALIAÇÃO DO COMPORTAMENTO E DA ATITUDE NA COMUNICAÇÃO
EM CRIANÇAS QUE GAGUEJAM

Dissertação apresentada à Banca Examinadora
do Mestrado Profissional em Fonoaudiologia da
Universidade Veiga de Almeida, como requisito
parcial para obtenção do Grau de Mestre em
Fonoaudiologia.

Orientadora: Prof^a Dr^a. Mônica Medeiros de Britto Pereira

Rio de Janeiro

2010

CHRISTINA SALES MORAES

**TRADUÇÃO, ADAPTAÇÃO E PADRONIZAÇÃO DE INSTRUMENTO DE
AVALIAÇÃO DO COMPORTAMENTO E DA ATITUDE NA COMUNICAÇÃO
EM CRIANÇAS QUE GAGUEJAM**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Mestrado Profissional em Fonoaudiologia da Universidade Veiga de Almeida, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Fonoaudiologia.

Aprovada em 27 de abril de 2010.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Mônica Medeiros de Britto Pereira
Universidade Veiga de Almeida – UVA

Prof. Dr. John Van Borsel
Universidade Veiga de Almeida - UVA

Prof^a. Dr^a. Maria Lúcia Novaes Menezes
Instituto Fernandes Figueira - FIOCRUZ

UNIVERSIDADE VEIGA DE ALMEIDA
SISTEMA DE BIBLIOTECAS
Rua Ibituruna, 108 – Maracanã
20271-020 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 2574-8845 Fax.: (21) 2574-8891

FICHA CATALOGRÁFICA

M827 t Moraes, Christina Sales
Tradução, adaptação e padronização de instrumento de avaliação do comportamento e da atitude na comunicação em crianças que gaguejam / Christina Sales Moraes, 2010.
59p; 30 cm.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Veiga de Almeida, Mestrado Profissionalizante em Fonoaudiologia. Estudo dos procedimentos, técnicas e produtos aplicados à fala, linguagem e audição, Rio de Janeiro, 2010.
Orientação: Prof^a Dr^a Mônica Medeiros de B. Pereira
1. Gagueira em crianças. 2. Fala. 3. Criança – conduta.
I. Pereira, Mônica Medeiros de B. II. Universidade Veiga de Almeida, Mestrado profissionalizante em fonoaudiologia, estudo dos procedimentos, técnicas e produtos aplicados à fala, linguagem e audição em linguagem e cognição. III. Título.
CDD – 616.855

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Setorial Tijucal/UVA
Biblioteca Maria Anunciação Almeida de Carvalho

RESUMO

O presente estudo dedica-se a traduzir e adaptar a *Behavior Assessment Battery (BAB)* para o Português Brasileiro e colaborar com dados para a padronização do instrumento em crianças brasileiras com gagueira do desenvolvimento. A *BAB* é composta por quatro testes que avaliam as atitudes, reações emocionais negativas e comportamentos associados à fala: o Teste de Atitude na Comunicação (CAT), a Listagem de Comportamentos de Fala – Rupturas na fala (SSC-SD), a Listagem de Comportamentos de Fala – Emoções Negativas (SSC-ER) e a Listagem de Comportamentos na Fala (BCL), e foi primeiramente traduzida e adaptada para o português brasileiro. Para a padronização do instrumento, foram avaliadas 22 crianças com quadro de gagueira do desenvolvimento, entre 6 e 15 anos, sendo 19 do sexo masculino e 3 do sexo feminino, recrutadas no ambulatório de Fonoaudiologia da Universidade Veiga de Almeida no Rio de Janeiro. Os escores obtidos foram correlacionados com a severidade do quadro de gagueira, medida através das taxas de articulação e produção de informação, percentual do total de rupturas e percentual de rupturas gagas. Os resultados demonstraram que houve uma correlação de todos os testes da *BAB* entre si e especificamente do CAT com o SSC-ER, sugerindo que a atitude negativa em relação à fala está relacionada às emoções negativas vivenciadas em situações de comunicação. Não foi observado, no entanto correlação significativa entre os testes da *BAB* e a severidade do quadro de gagueira.

Palavras-chave. Gagueira, Fala, Criança, Comportamento, Atitude

ABSTRACT

The purpose of the present study was to translate and adapt the Behavior Assessment Battery (BAB) for Brazilian Portuguese and to contribute to the collection of normative data of this instrument for Brazilian children with developmental stuttering. The BAB consists of four tests that assess the attitudes, negative emotional reactions and speech associated behaviors: The Communication Attitude Test (CAT), The Speech Situation Checklist – Speech Disruption (SSC-SD), The Speech Situation Checklist- Emotional Response (SSC-ER) and the Behavior Checklist (BCL). These test were first translated and adapted into Brazilian Portuguese. Subsequently the instrument was administered in 22 children with developmental stuttering, age 6 to 15 years (19 males and 3 females), recruited from the outpatient speech pathology clinic at Veiga de Almeida University in Rio de Janeiro. Statistical analysis showed that there was a significant correlation between all the BAB- scores and especially between the CAT scores and those of the SSC-ER, suggesting that a negative speech attitude is related to negative emotions experienced in communication situations. No significant correlation was found, however, between the BAB-scores and stuttering severity as measured in terms of articulation rate, production of information, total percentage of dysfluencies and percentage of stuttered dysfluencies. .

Key words: Stuttering, Speech, Child, Behavior, Attitude

LISTA DE TABELAS

- TABELA 1- Distribuição dos informantes em relação ao sexo. p.40
- TABELA 2 - Distribuição dos informantes em relação à idade. p.41
- TABELA 3 - Escores obtidos nos testes BAB. p.41
- TABELA 4 – Variação dos percentuais obtidos na análise da fluência.
p.41
- TABELA 5 – Correlação entre o desempenho nos testes da BAB e o grau de severidade de gagueira, p.42
- TABELA 6 – Correlação entre as taxas de articulação, taxas de produção de informação, percentuais de rupturas normais e gegas. p.42
- TABELA 7 – Correlação entre o desempenho nos testes da BAB. p.43

LISTA DE ABREVIATURAS

- BAB – “Behavior Assessment Battery” = Bateria de Avaliação Comportamental
- BCL – “Behavioral Checklist” = Listagem de Comportamentos
- BIG CAT- “Communication Attitude Test” = Teste de Atitude na Comunicação para Adultos
- CAT – “Communication Attitude Test” = Teste de Atitude na Comunicação
- CAT – D – versão holandesa do Teste de Atitude na Comunicação
- CSI – “Communication Skills Inventory” = Inventário de habilidades de Comunicação
- OASES:T3 – “Overall Assessment of the Speaker’s Experience Stuttering” = Avaliação global da experiência do falante de Gagueira
- RCMS – “Anxiety Scale” = Escala de Ansiedade
- RSES – “Rosenberg Scale” = Escala de Rosenberg
- S-24 – “Scale Erickson” = Escala de Erickson
- SESAS – “Self Efficacy Scale by Adults Stutterers” = Escala de Auto-eficácia para Adultos Gagos
- SSC - Listagem de Situação de Fala
- SSC SD – “Speech Situation Checklist”- Speech Disruptures = Listagem de Situações de Fala - Rupturas na Fala
- SSC ER – “Speech Situation Checklist” – Negative Emotional Reaction= Listagem de Situações de Fala - Reações Emocionais Negativas
- SSI. - Instrumento de Severidade de Gagueira
- STAI – “State Trait Anxiety Inventory” = Inventário do traço e estado de ansiedade
- WASSP- “Stuttering Self-rating Profile de Wright e Ayre” = Perfil de Auto-avaliação da Gagueira de Wright e Ayre”

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Estudo Comparativo do CAT nas diferentes pesquisas realizadas por Vanryckeghem e Brutten com crianças que apresentam gagueira e o presente estudo. p.44

Gráfico 2 – Estudo Comparativo entre os resultados dos quatro testes da BAB no estudo de Vanryckeghem, 2006 e o presente estudo. p.46

SUMÁRIO

RESUMO

ABSTRACT

LISTA DE TABELAS

LISTA DE ABREVIATURAS

LISTA DE GRÁFICOS

1. INTRODUÇÃO, p. 14

2. OBJETIVOS, p. 19

3. REVISÃO DE LITERATURA, p. 20

3.1 Gagueira: Definição e Aspectos lingüísticos, p. 20

3.2 Instrumentos para avaliação de comportamento e a atitude na fala disfluente, p. 22

3.2.1 Behavior Assessment Battery – BAB, p. 23

3.3 Estudos sobre o comportamento e a atitude na fala, p. 26

4. METODOLOGIA DA PESQUISA, p. 33

4.1 Etapa 1, p.33

4.2 Etapa 2, p. 34

4.2.1 Estudo Piloto para padronização da BAB em crianças que gaguejam, p. 34

4.2.1.1 Participantes, p. 34

4.2.1.2 Material, p. 34

4.2.1.3. Análise da Fluência, p.35

4.2.1.4. Filmadora, p.35

4.2.2. Procedimento, p.35

4.2.2.1 BAB – *Behavior Assessment Battery*, p.37

4.2.2.2 Teste de Atitude na Comunicação para crianças, p. 37

4.2.2.3 Listagem de Situações de Fala – SSC SD e SSC ER, p. 38

4.2.2.4 Listagem de Comportamentos, p. 39

5. RESULTADOS, p. 40

6. DISCUSSÃO, p. 44

7. CONCLUSÃO, p. 48

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS, p. 50

9. APÊNDICES, p. 55

10. ANEXO, p. 58

Dedico este estudo a todas as crianças portadoras de gagueira que participaram desta pesquisa, e a todas as outras que poderão se beneficiar dos conhecimentos e frutos apresentados neste trabalho, enriquecendo a trajetória da fonoaudiologia, enquanto ciência da comunicação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela oportunidade de me conceder mais vida e de me deixar usufruir deste momento;

Agradeço muito a professora Mônica Medeiros de Britto Pereira, profissional inigualável, que demonstrou muita sabedoria e paciência ao me auxiliar na execução deste trabalho. Sua garra me encanta, sua sensibilidade me comove e seu dinamismo me dá força para continuar seguindo sempre em frente.

Agradeço a minha família: minhas filhas, meu marido, minha neta, minha mãe, minha irmã e Maria por estarem sempre ao meu lado curtindo cada passo de minhas conquistas.

Agradeço as amigas Mônica Karl, Regina Coeli e Tânia Leão que brilhantemente me substituíram no trabalho, num momento tão delicado de minha vida pessoal e que hoje podemos comemorar juntas essa conquista e a nossa amizade.

Agradeço a essas pessoas especiais que conheci: Carla Ferrante, Andréia Veríssimo, Maria Theresa Kalil, Theresa Cristina Schott, Rosângela Mendonça, Denise Guapyassu, Fanny Hamphreis, Clície Caneiro, Eloah Mesquita, Elaine e Juliana, responsáveis por um núcleo de amizade constituído neste mestrado.

Agradeço aos professores do mestrado, profissionais brilhantes, em especial a Profa. Dra. Márcia Goldfeld, Profa. Dra. Tânia Marinho e o Prof. Dr. Domingos Sávio que sempre me incentivou, acreditando em meu potencial profissional.

Agradeço ao professor John Van Borsel pelo apoio no tratamento estatístico dessa pesquisa.

Agradeço a Professora Monica Marins pelo apoio na revisão deste trabalho e por ter estabelecido comigo uma relação de amizade e companheirismo.

Agradeço às profissionais Jussara Freitas, Lillian Nascimento, Agnes Sartori, Marluce Lage, Olga, Bianca Chagas, Renata Dacache e Norma Martins pela compreensão e incentivo na busca de minhas realizações.

Agradeço a Simone (in memoriam), Fernanda Paesler e Andréia Soutto pelo grande apoio que recebi e recebo para aprender a me conhecer e enfrentar os tropeços que passei para chegar até aqui.

Agradeço as pessoas que direta e indiretamente contribuíram para que esse trabalho fosse concluído, pois sem a ajuda de vocês este estudo não se concretizaria.

1. INTRODUÇÃO

A Fonoaudiologia é uma ciência que tem como objeto de estudo a comunicação humana em suas manifestações normais e patológicas. Os processos que envolvem a comunicação humana são complexos, multidimensionais, de ordem interpessoal (envolvem emissor e receptor da mensagem) e intrapessoal (envolvem habilidades de produzir e compreender a mensagem) (ANDRADE, 2000). Segundo Goss (1989 *apud* GARCIA, 2001) os componentes para o processamento da informação relacionam-se ao cognitivo (significado atribuído aos fatos e à linguagem, em relação ao uso e domínio das regras); ao afetivo (atitudes e auto-conceito); e ao operacional (fala e audição). Dentre esses elementos apresentados e passíveis de análise, destaca-se a fala, mais especificamente a espontânea, auto-expressiva, como principal ferramenta para expressar a competência comunicativa de um indivíduo.

A fluência da fala é um instrumento sensível à saúde física e mental de um indivíduo (EMERICK e HAYNES, 1986; ARJUNAN e ROUSEY, 1986; in ANDRADE, 2000). A fluência depende da integração harmônica não só entre o processamento auditivo, da linguagem e da fala, mas também dos processamentos dos centros de controle das emoções e da memória. O fluxo suave e contínuo da fala, além de ser o produto de uma programação cerebral altamente complexa, é também produto da experiência, da visão de mundo e da imagem pessoal.

Segundo Starkweather e Givens-Ackerman (1997) para que a fala seja fluente, dois sistemas operacionais, o simbólico e o de sinais, devem estar temporariamente equilibrados. Cabe ao sistema simbólico integrar os componentes cognitivos, lingüísticos e segmentais da fala, determinando a forma e o conteúdo da mensagem. Cabe ao sistema de sinais determinar a duração proporcional da sílaba na palavra e a ordem de sequenciação ordenada dos espaços fonéticos. Quando os dois sistemas operam em equilíbrio a fala é gerada sem rupturas. A fluência é o que todas as pessoas têm em graus variáveis, quer em termos de linguagem (habilidade para falar com um esforço mínimo para encontrar as palavras, construir sentenças gramaticais e/ou sequenciar fonologicamente), quer em termos de fala (habilidade para iniciar e manter o fluxo suave da produção da fala). (STARKWEATHER E GIVENS-ACKERMAN, 1997)

A quebra da fluência é algo habitual na fala das crianças em idade de estruturação da linguagem (ANDRADE, 2002). Processos de maturação fisiológicos e neuroanatômicos provavelmente estão relacionados com o surgimento da gagueira do desenvolvimento em crianças pré-escolares, a qual, por sua vez, parece estar intimamente vinculada às habilidades

metalingüísticas (ANDRADE, 2004). Estudos recentes de imagem cerebral indicam que a gagueira possivelmente tem sua origem nos múltiplos centros cerebrais de linguagem, embora se aceite que haja também dificuldades no controle motor da fala (MERÇON & NEMR, 2007).

A gagueira é uma desordem da comunicação caracterizada por rupturas involuntárias do fluxo suave da fala, um distúrbio crônico na habilidade do falante em produzir a fala suave, numa movimentação seqüencial (ARCURI et al., 2009). Sua avaliação não é uma tarefa simples, pois, a complexidade deste distúrbio, requer um instrumento que permita não apenas, quantificar e qualificar os tipos de rupturas da fluência presentes na fala do indivíduo como também analisar os comportamentos associados à fala (BRITTO PEREIRA, 2003). Neste sentido, torna-se fundamental analisar as manifestações clínicas da gagueira respeitando determinados parâmetros, uma vez que as condutas a serem tomadas dependerão da tipologia, da freqüência das disfluências e do modo como a criança reage às dificuldades da fala.

Com o passar dos anos e o avanço nos estudos sobre gagueira, percebeu-se que este distúrbio não se limita apenas à fala. Sabe-se que a falha na fluência gera conseqüências que se refletem nos níveis emocional, comportamental e atitudinal (BLOODSTEIN, 1987). Apesar da gagueira não ser um distúrbio de causa emocional, é consenso que tais questões podem interferir na fluência da fala de forma positiva ou negativa. É muito comum, nas pessoas que gaguejam, a presença de ansiedade frente a situações de comunicação, piorando desta forma o seu desempenho na fala (MULCAHY et al., 2008).

A atitude negativa relacionada à gagueira pode impedir a melhora do quadro e conseqüentemente a manutenção da fluência, prejudicando dessa

forma o andamento da terapia. De acordo com Bloodstein (1995) pessoas que gaguejam consideram a gagueira “vergonhosa” e o ato de falar uma tarefa desagradável e desafiante. A partir desta crença não é surpreendente o desenvolvimento de reações de luta antecipada a situações de fala, onde se observam atitudes negativas como medo e evitação de situações, palavras e sons que podem agravar muito o distúrbio (BLOODSTEIN, 1995). Desta forma, avaliar a atitude e o comportamento de pessoas que gaguejam frente a situações de fala é relevante para uma completa avaliação deste distúrbio. Atualmente, um dos mais completos instrumentos disponíveis e com esta finalidade é a *Behavior Assessment Battery (BAB – Bateria de Avaliação Comportamental)*, que foi desenvolvida originalmente nos Estados Unidos por Brutten e Vanryckeghem (2003, 2007) e já se encontra traduzida e adaptada em vários países como Japão, Bélgica, Croácia, Paquistão, Suécia, Holanda, Itália, Espanha e Alemanha.

A *Behavior Assessment Battery (BAB)* consta de avaliações realizadas através de autorelatos, que buscam investigar a preocupação do indivíduo gago diante de situações de fala, a dificuldade de fala nas relações interpessoais, os comportamentos de luta e evitação e a atitude relacionada à fala. O instrumento apresenta uma abordagem multidimensional frente à gagueira, lidando com os componentes afetivo (reações emocionais nas situações de fala), comportamental (a gagueira, conflito e evitação) e cognitivo (atitude relacionada à fala). Sendo assim, auxilia o fonoaudiólogo em suas dúvidas e tomadas de decisão em relação ao diagnóstico e à terapia. Sabe-se que os episódios de gagueira são formados não apenas por quebras involuntárias da fluência da fala como repetições, bloqueios e prolongamentos, mas também por respostas de luta e evitação que são secundárias à gagueira

mais do que parte dela. Para muitas pessoas gagas, a existência de uma fala associada à emoção negativa, ansiedade e tensão emocional são frequentemente a razão que os fazem buscar terapia (BRUTTEN e VANRYCKEGHEM, 2007).

Neste sentido, o presente estudo teve por objetivo traduzir a *Behavior Assessment Battery (BAB)* para o Português Brasileiro, bem como colaborar com a padronização do instrumento em crianças brasileiras que gaguejam. A relevância do estudo está no fato de não haver no Brasil, até o momento, um instrumento que avalie o comportamento, a atitude e as reações emocionais negativas frente às situações conturbadas de fala do indivíduo gago.

2. OBJETIVOS:

1. Traduzir e adaptar a Behavior Assessment Battery (BAB) para o Português Brasileiro;
2. Realizar um estudo piloto para padronização da BAB para a população brasileira que gagueja;
3. Investigar as possíveis relações existentes entre o comportamento frente a situações de fala e a severidade da gagueira.

3. REVISÃO DE LITERATURA

3.1 GAGUEIRA: DEFINIÇÃO E ASPECTOS LINGUÍSTICOS

A gagueira é um distúrbio universal, encontrado em todas as raças e classes socioeconômicas. Tem início na infância, durante o período de aquisição linguística da fala, que vai desde o nascimento até os dez anos aproximadamente. Por volta dos dois aos cinco anos, várias crianças apresentam rupturas na fluência, que variam de acordo com situações determinadas (BRITTO PEREIRA et al., 2001). Neste período o aparecimento do distúrbio costuma ser gradual, porém pode começar de forma abrupta em um terço das crianças. A disfluência, comum na infância, decorre principalmente das incertezas passageiras no planejamento linguístico, podendo se acentuar com o uso de palavras pouco familiares e de frases mais complexas (BRITTO PEREIRA, 2003). Segundo Juste (2006) a gagueira do

desenvolvimento, desde o seu início, é decorrente de fatores lingüísticos no que se refere às habilidades morfossintáticas e semânticas.

Em um estudo realizado por Felsenfeld et al. (2000) a gagueira do desenvolvimento é considerada como um distúrbio crônico na habilidade do falante em produzir a fala suave numa movimentação seqüencial. Segundo os autores, a essência da gagueira seria o rompimento da seqüência motora da palavra, sentida pelo falante como perda de controle temporário sobre os movimentos da musculatura envolvida na fala. Como consequência, nos casos persistentes, surgem respostas reativas (evitação, ansiedade, pânico social, etc.), que constituem a síndrome clínica.

A gagueira é um distúrbio quantificável, todavia, a avaliação quantitativa nem sempre contribui de forma clara para a diferenciação entre fala disfluente e fala gaguejada. Para Andrade (2004), as rupturas no fluxo da fala podem ser diferenciadas pela tipologia, uma vez que certas rupturas são comuns a todos os falantes e refletem fundamentalmente as incertezas e imprecisões lingüísticas, ou ainda, visam ampliar a compreensão da mensagem. Essas rupturas podem ser consideradas comuns a todas as crianças que estão em fase de desenvolvimento da linguagem (hesitações, interjeições, revisões, palavras incompletas, repetições de palavras, segmentos e frases). Ainda segundo a autora, existem algumas rupturas que, embora possam ocorrer esporadicamente para todos os falantes, são sugestivas de um comprometimento maior do processamento de fala e são classificadas como rupturas gagas (repetições de sons e sílabas, prolongamentos, bloqueios, intrusões de sons e/ou segmentos e pausas longas). Assim como Andrade, Britto Pereira (2003) também ressalta que existem vários tipos de rupturas que costumam estar presentes na fala das pessoas, sendo que o tipo e a

frequência de seu aparecimento são os fatores que irão diferenciar um falante fluente de um falante gago e para estes, indicar a gravidade do distúrbio.

Os avanços dos estudos sobre esse tema têm propiciado uma visão mais complexa quanto aos componentes etiológicos, emocionais, comportamentais e atitudinais deste distúrbio. Assim, a gagueira passa a ser considerada mais do que apenas um problema de fala (BLOODSTEIN, 1987). Dessa forma, os episódios de gagueira são formados não apenas por quebras involuntárias da fluência da fala, mas encontram-se cercados de comportamentos secundários, como as emoções negativas, a ansiedade e a tensão emocional (ANDRADE, 2001).

A primeira correlação entre os comportamentos verbais de gagueira e as atividades acessórias, relacionadas aos movimentos corporais e às emoções negativas, surgiu na década de 60 (WINGATE, 1964). Anos mais tarde surge a denominação de “traços associados” para as reações de tensão e excitação ressaltando que os sentimentos e atitudes da pessoa que gagueja, nem sempre são conscientes (RILEY, 1972). Mais recentemente, os comportamentos secundários e aprendidos foram chamados de “comportamentos acessórios” (ANDRADE, et al. 2001). No entanto, a terminologia internacionalmente adotada pela American Speech Hearing Association (ASHA) para o comportamento de evitação e fuga, reações, estratégias e truques que os gagos utilizam como antecipação ou medo da gagueira é a de “traços associados e secundários”, (ANDRADE, et al. 2001).

3.2 INSTRUMENTOS PARA AVALIAÇÃO DE COMPORTAMENTO E ATITUDE NA FALA DISFLUENTE

Os testes destinados a avaliar a atitude de pessoas em relação à gagueira começaram a ser desenvolvidos na década de 60. O *Perception Stuttering Inventory (PSI)* de Woolf (1967) foi o primeiro teste que buscava avaliar a luta, a expectativa e os comportamentos de evitação. Em 1974, Andrews e Cutler criaram a S-24, uma escala de avaliação cognitiva, que buscava investigar os comportamentos e as reações emocionais negativas em situações de fala. Tal instrumento facilitava a avaliação por ser rápido e de fácil aplicação e tornou-se uma ferramenta muito usada na clínica. Nos anos 80, Craig, Franklin e Andrews (1984) criaram a *Locus of Control Behavior Checklist*, a qual constava de 17 questões sobre situações de fala. Neste instrumento a pessoa deveria classificar em uma escala de 1 a 7 o grau de controle que acreditava ter sobre as situações de fala listadas. Ainda nesta década, Ornstein e Manning (1985) criaram a *Self Efficacy Scaling by Adults Stutterers (SESAS)* que media a autoconfiança de pessoas com gagueira em sua fala. Nos últimos anos foram criados novos instrumentos entre eles *Ayre Stuttering Self-rating Profile de Wright e Ayre - WASSP* e a *Overall Assessment of the Speaker's Experience of Stuttering – OASES T*; de Yaruss e Quesal (2006 *apud* Mulcahy, 2008)

3.2.1 BEHAVIOR ASSESSMENT BATTERY – BAB (Bateria de Avaliação do Comportamento)

A necessidade crescente de um estudo mais aprofundado dos comportamentos secundários à gagueira levou Brutten em 1974 (*apud* Brutten, 1996) a organizar o *Behavior Checklist*, que buscava descrever comportamentos presentes durante a gagueira e que não eram específicos do

ato de falar. O instrumento pretendia mostrar uma grande variedade desses comportamentos, associando-os aos componentes secundários (VANRYCKEGHEM et al., 2004). Surgiu assim o primeiro incentivo à criação da *BAB (Behavior Assessment Battery)* que consta de uma bateria específica para crianças e adolescentes com idade entre 6 e 15 anos e outra para adultos. A bateria de testes para crianças é composta pelo Teste de Atitude na Comunicação (*CAT*), que avalia a atitude da pessoa que gagueja em relação a sua fala; Listagem de Comportamentos (*BCL*), que apresenta 50 diferentes comportamentos que as crianças podem apresentar para “ajudar a palavra sair”; Listagem de Situação de Fala - Parte I: Reações Emocionais (*SSC-ER*), onde a pessoa que gagueja identifica em quais situações de fala e com que intensidade apresenta medo e ansiedade e a parte II: Rupturas na Fala (*SSC-SD*), que auxilia a pessoa que gagueja a identificar em quais situações sua fala trava e com que intensidade. A bateria para adultos (acima de 15 anos) é composta pela Listagem de Comportamentos (*BCL*), listagem de Situações de Fala - Parte I: Reações Emocionais Negativas (*SSC-ER*) e Parte II: Rupturas na Fala (*SSC-SD*) e o Teste de Atitude na Comunicação (*BIG CAT*). Todos os itens dos testes destinados aos adultos e às crianças são adequados às faixas etárias.

A *BAB* para crianças em idade escolar que gaguejam, preenche uma lacuna na avaliação das abordagens dos transtornos da fluência, contribui para o diagnóstico fonoaudiológico através da coleta de informações sobre as reações do cliente, além de facilitar a identificação da sintomatologia da síndrome gagueira. Esse instrumento é considerado multidimensional devido à abrangência de informações que o compõe e seus dados são fornecidos por auto-relatos.

Como já mencionado, a Listagem de Situações de Fala (SSC) é composta de dois protocolos de avaliação: (a) ER - Reações Emocionais, onde a pessoa que gagueja identifica em quais situações de fala e com que intensidade apresenta medo e ansiedade; e (b) SD – Rupturas na Fala onde a pessoa deve identificar em quais situações sua fala trava e com que intensidade. Ambas as listas constam de 55 questões, no entanto, as listagens diferem em relação aos parâmetros utilizados na escala de avaliação da intensidade do comportamento. A escala do SSC-ER envolve respostas variando de "não tenho medo" para "tenho muito muito medo "- assim o parâmetro utilizado é o medo, enquanto que no SSC-SD a escala de resposta varia entre "Não tenho nenhuma dificuldade" para a "Tenho muita muita dificuldade ", conforme a percepção da criança quanto à sua dificuldade de falar em determinadas situações.

As instruções dos testes são muito claras e pretendem diferenciar a reação da criança de sua crença sobre a sua dificuldade de fala.

A listagem de comportamentos (BCL) é constituída de 50 itens, que se referem a 50 comportamentos diferentes que as crianças podem apresentar para “ajudar a palavra sair”. A folha de respostas contém dados para afirmação ou negação dos comportamentos listados em relação à fala disfluente. Tais comportamentos são utilizados como estratégia para lidar com as reações emocionais negativas e com as disfluências presentes na fala em diferentes situações de comunicação. Sendo assim, as respostas de uma criança para os itens do BCL completam o perfil do comportamento relatado pelo SSC-ER e SSC-SD. Estas respostas permitem um diagnóstico diferencial entre as crianças que gaguejam em relação àquelas que não gaguejam. Os comportamentos identificados na BCL devem ser abordados na terapia. A

interpretação das respostas auxilia os fonoaudiólogos a compreender se o comportamento específico deve receber atenção ou não e se as estratégias de enfrentamento relatadas estão correlacionadas com as situações de fala consideradas como difíceis.

O quarto e último teste da BAB é o Teste de Atitude na Comunicação (CAT), que avalia a atitude da pessoa que gagueja em relação a sua fala. A forma atual do CAT inclui 33 afirmações às quais a criança deve responder se são "verdadeiras" ou "falsas". Estas declarações descrevem a forma como a pessoa pensa ser sua fala, por exemplo, "Eu gosto da maneira como eu falo", "Minhas palavras saem facilmente", "Eu não sou um bom falante". Os itens do CAT fornecem ao fonoaudiólogo um entendimento sobre a atitude da criança em relação a sua fala, além de pistas sobre as estratégias e táticas que podem ser utilizadas na prática terapêutica para alterar os comportamentos comunicativos.

Concluindo, a *BAB* tem por objetivo: 1- diferenciar crianças com gagueira do desenvolvimento de crianças fluentes e/ou com outros distúrbios de fluência, no que se refere ao comportamento frente a situações de fala; 2- pesquisar as emoções, comportamentos e atitudes associadas às rupturas na fala; 3- fornecer suporte para o estabelecimento de objetivos a serem alcançados na terapia e 4- avaliar os efeitos produzidos pela terapia.

3.3 ESTUDOS SOBRE O COMPORTAMENTO E A ATITUDE NA FALA

Vários estudos foram conduzidos para melhor compreender a influência da atitude e do comportamento nas situações de comunicação em pessoas com gagueira.

Um estudo realizado por Blood e colaboradores em 1995 buscava determinar a diferença entre os recursos utilizados pelos adolescentes gagos para enfrentar situações de fala no seu cotidiano, se a idade desses jovens influenciava nas suas atitudes e se as habilidades de adolescentes gagos e fluentes, frente às situações de comunicação, eram diferentes. Foram selecionados 64 adolescentes gagos (52 meninos e 12 meninas) de diversas origens e adolescentes fluentes (grupo controle). O grupo de jovens gagos foi dividido em dois subgrupos segundo a faixa etária, por eles determinada como adolescentes jovens de 13 a 15 anos, média= 13,7 anos e adolescentes mais velhos (16 a 19 anos, média 17,8). Eles responderam a um teste que buscava avaliar as habilidades comunicativas, CSI (*Communication Skills Inventory*) de Henry, Reed & McAllister (1995). Os resultados entre os sujeitos mais velhos e mais jovens que gaguejam, revelaram uma diferença significativa quanto à forma de enfrentar situações de fala, pois os sujeitos mais jovens tendem a apresentar mais emoções negativas enquanto que os mais velhos elaboram estratégias comunicativas com maior habilidade. Os resultados do CSI demonstraram ainda que todos os adolescentes do estudo selecionaram as mesmas 5 habilidades comunicativas, dentre as 14 oferecidas, como sendo as mais importantes para uma fala fluente (habilidade narrativa, turno de fala, expressão não verbal, compreensão vocal tonal e perspectivas para esclarecimentos de fatos, na interação da comunicação).

Em 1995 Vanryckeghem buscou investigar se a visão que os pais de crianças gagas tinham em relação à atitude de seus filhos em situações de fala

era compatível com a visão dos filhos sobre suas próprias atitudes. O estudo utilizou o *CAT-D*, a versão holandesa do *CAT* desenvolvida na Bélgica e teve o intuito de saber se as informações dadas pelos pais espelhavam o que sentiam seus filhos no que se refere à fala. Este estudo contou com a participação de 55 crianças belgas gagas, 53 meninos e 2 meninas, com idades entre 6 e 13 anos (média 9,3 anos), e seus pais. Já o outro grupo era composto por 55 crianças fluentes, sendo 30 meninas e 25 meninos e seus pais. O escore médio apresentado pelas crianças gagas foi de 17.44 pontos (DP 6,81). Ao se analisar separadamente cada faixa etária obteve-se uma média de 15.23 e desvio padrão de 6,60 para o grupo de 6 a 9 anos e de 19.96 (DP 6.0) para o grupo de crianças de 10 a 13 anos. O estudo demonstrou que os pais das crianças gagas interpretam a atitude de seus filhos como mais negativa do que as próprias crianças (escore médio dos pais 20.89 e das mães 21.65) e que a atitude se torna mais negativa com o aumento da idade, ou seja, as crianças mais velhas apresentariam, na visão dos pais, atitudes mais negativas do que as mais novas. Ao comparar os resultados com os do grupo controle, composto por crianças fluentes e seus pais, a autora observou que a atitude das crianças melhorava com a idade não apenas na visão dos pais, mas também na visão das crianças. Possivelmente, isso reflete a diferença no grau de atenção dispensada à fala dos filhos pelos pais de crianças gagas em comparação com os pais de crianças fluentes. Para os pais de crianças gagas, a qualidade da fala de suas crianças é muito importante, talvez até mais do que é para seus filhos (JOHNSON et al. 1959). Para os pais de crianças fluentes, por outro lado, as atitudes de seus filhos com relação à fala, com certeza demandam pouca atenção. Uma vez que têm menos motivos para estarem atentos à fala e

às atitudes em relação à fala de suas crianças do que os pais de crianças gagas.

Em outro estudo, também utilizando o *CAT-D*, Vanryckeghem e Brutten (1996) avaliaram 55 crianças com quadro de gagueira e 55 crianças fluentes, de 6 a 13 anos com idade média de 9,3 anos, em uma região da Bélgica, Flandres. A seleção dos sujeitos dessa pesquisa não apresentou variação quanto ao gênero em função deste não influenciar o escore do CAT. (BRUTTEN e DUNHAM,1989; DE NIL e BRUTTEN, 1991). O estudo correlacionou os resultados do CAT-D com as rupturas na fala de crianças gagas e fluentes e encontrou um escore médio de 17.44 para as crianças gagas. As rupturas foram classificadas em categoria I (repetição de sílabas, sons, prolongamentos), categoria II (repetição de palavra e frase, revisão, frase incompleta) e categoria III que incluía todos os tipos de rupturas. Esta última categoria foi criada para medir a frequência da ocorrência do total de disfluências nos grupos experimental e controle. Os resultados foram extraídos a partir de dois parâmetros, leitura oral e conversação e apontaram uma correlação positiva para as crianças com gagueira e negativa para as crianças fluentes, deixando claro que a atitude de crianças gagas frente a situações de comunicação varia de acordo com as rupturas na sua fala, o que não acontece com as crianças fluentes. O estudo, no entanto, não aponta se há correlação entre a atitude negativa em situações de fala e um tipo específico de ruptura (categoria I ou II), mas acusa uma piora da atitude com o aumento da idade. Tais dados sugerem que a diferença entre crianças fluentes e aquelas consideradas gagas não está apenas nas rupturas observadas na fala, sugerindo que a gagueira é um distúrbio que vai além das disfluências e que a

atitude em relação à fala de crianças com gagueira é bem diferente do que a de crianças fluentes.

Vanryckeghem et al. (2001) estudaram a possível correlação entre as atitudes negativas e as emoções negativas associadas à fala de crianças com gagueira. Para a pesquisa foram selecionados, 143 informantes (crianças e adolescentes) sendo 111 meninos de 7 a 13 anos e 32 meninas com idade média de 9,7 anos, nativos da região de Flandres na Bélgica. Os informantes responderam ao CAT (media 17.31 – DP 7.78) e após o termino da avaliação foram solicitados a verificar se havia emoção negativa relacionada a cada uma das sentenças do teste que demonstravam atitude negativa. Os resultados revelaram uma forte correlação entre atitude e emoção negativa relacionadas à fala. Segundo os autores, atitude e emoção negativa apresentam uma influência recíproca e fazem parte da síndrome gagueira. Ainda no mesmo estudo observou-se um aumento da atitude negativa com a idade ($p=.027$) e também que atitude e emoção negativas demonstraram estar correlacionadas com a severidade da gagueira ($p<.0001$).

Em um estudo feito por Vanryckeghem, Brutten e Hernandez em 2005 envolvendo 108 crianças estudantes da pré-escola, divididas em 45 crianças gagas 63 crianças fluentes, foi utilizado o “KiddyCAT” (VANRYCKEGHEM & BRUTTEN, 2002) uma versão adaptada do CAT para crianças pré-escolares. Seus resultados revelaram que as crianças pré-escolares gagas demonstram consciência da disfluência e apresentam uma atitude negativa em relação a sua fala, fato que não acontece, de forma significativa, com as crianças fluentes.

Em 2006, Vanryckeghem e Mukati conduziram um estudo no Paquistão com o objetivo de investigar se as crianças fluentes desse país apresentavam

respostas similares as das crianças das culturas ocidentais, no que se refere ao aspecto afetivo, comportamental e cognitivo da fala. O estudo utilizou todos protocolos da *BAB* (*SSC*, *BCL* e o *CAT*), e foi realizado com 45 crianças paquistanesas fluentes (36 meninos e 9 meninas) com idade entre 8 e 11 anos (média de 9,6). Os resultados obtidos para o SSC-ER foi de 107,33 (DP 26,72) e para o SSC-SD de 105,25 (DP 29,13). O escore das crianças paquistanesas fluentes para o BCL mostrou uma média de 6,86 (DP 7,54) e para o CAT 7,44 (DP 4,82). Os resultados demonstraram uma diferença significativa, apenas em relação ao SSC, onde as crianças paquistanesas apresentaram escores mais altos do que as crianças da Bélgica e Estados Unidos, apontando para a possibilidade de que este teste especificamente pode não ser apropriado para outras culturas que não as ocidentais. Os dados ressaltam a importância das questões culturais no que se refere ao comportamento relacionado à fala reforçando a necessidade de uma boa adaptação e padronização dos testes.

Um estudo realizado por Blood e colaboradores na Pensilvânia (2007), investigou se o alto nível de ansiedade pode afetar a vida de crianças e adolescentes gagos e fluentes. Foram selecionados 36 adolescentes que gaguejam e 36 fluentes (faixa de idade entre 12,8 e 18,7), estudantes de escola pública, que se submeteram a uma avaliação que media a ansiedade, através da auto-percepção, utilizando a *Anxiety Scale* (RCMS) de Reynolds & Richmond (2002). Além disso, avaliaram a auto-estima e a severidade da gagueira através da *Rosenberg Self-Esteem Scale – RSE* (1965) e o SSI de Riley,(1972) respectivamente. Todos os adolescentes gagos foram avaliados em relação ao distúrbio da fluência através dos procedimentos de entrevista, motivo de encaminhamento, percepção do cliente quanto à sua problemática na fala, desenvolvimento e início da gagueira e assistência profissional que recebeu até

este período. Paralelamente, medidas de atitude e avaliação de crença quanto à gagueira foram obtidas através do protocolo de avaliação proposto por Blood, 1998 (*apud* Blood et al., 2007) . O grupo de adolescentes gogos apresentou escore de 57,3 (DP 7,3) para ansiedade e os fluentes 51,7 (DP 5,4). A avaliação da auto-estima apresentou a média de 16,3 pontos (DP 2,6) para os adolescentes gogos e 16,2 (DP 2,1) para os adolescentes fluentes. Ao ser correlacionado o nível de ansiedade e a auto-estima com a severidade da gagueira entre os grupos, constatou-se que o nível de ansiedade é significativamente maior nos participantes gogos que nos fluentes ($p < .001$). Porém, não houve diferença significativa entre os adolescentes que gaguejam e os fluentes quanto à auto-estima. Neste estudo também não foi encontrada diferença quanto às variações de gênero, status econômico e etnia dos participantes.

Um outro estudo realizado na Itália por Vanryckeghem et al. (2008), utilizando o CAT, pretendeu estabelecer dados normativos quanto às atitudes na comunicação de crianças italianas. Para a realização deste estudo foram selecionadas 149 crianças gogas (87 meninos e 61 meninas) e 148 crianças fluentes (116 meninos e 33 meninas) e em ambos os grupos a faixa de idade compreendeu crianças de 6 a 14 anos estudantes de educação infantil, ensino fundamental e médio. Os resultados mostram que a pontuação do CAT foi maior para os participantes gogos em relação aos fluentes ($p < 0.001$) com médias que variaram de 20,21 (DP = 6,25) para as crianças gogas e 6,93 (DP = 3,23) para as fluentes. Além disso, não houve diferenças em relação aos parâmetros de sexo ($p = 0.233$) e idade ($p = 0.244$).

4. METODOLOGIA DA PESQUISA

Esse estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Veiga de Almeida através da resolução N° 147/08.

4.1 ETAPA 1

Tradução e adaptação do *Behavior Assessment Battery (BAB) for children* (Brutten e Vanryckeghem, 2007).

Esta primeira etapa foi realizada através de *back translation* (do inglês, tradução reversa), visando garantir uma tradução precisa e confiável dos protocolos de avaliação.

Os protocolos das escalas em inglês foram traduzidos e adaptados para o português por dois indivíduos bilíngües. Após essa etapa as duas versões

foram confrontadas através do programa “skype” (*Skype Limited*) durante o qual a orientadora deste trabalho e a autora da BAB resolveram possíveis discrepâncias e eliminaram os erros residuais para definir a versão final.

4.2 ETAPA 2

4.2.1 Estudo piloto para a padronização da *BAB* em crianças que gaguejam

4.2.1.1 Participantes:

Esta etapa foi realizada com 22 participantes gogos com idades entre 6 a 15 anos (média 9,9 anos), sendo 19 do sexo masculino e 3 do sexo feminino.

Os participantes foram recrutados na Clínica de Fonoaudiologia da Universidade Veiga de Almeida e apenas pessoas com gagueira do desenvolvimento, sem comorbidades, fizeram parte do estudo. Foram excluídos os participantes que apresentavam problemas neurológicos, sensoriais, auditivos e/ou articulatórios, com base na anamnese, na avaliação dos aspectos fonéticos e fonológicos da fala realizada através do FONOFON e da observação da criança em situação de brincadeira espontânea.

4.2.1.2 Material

- Termo de consentimento livre e esclarecido
- *Behavior Assessment Battery – BAB*
- Análise da Fluência

- Filmadora

4.2.1.3- Análise da Fluência

Este item teve por objetivo estipular um grau de severidade do quadro. Para esta análise foi utilizado o protocolo de Andrade (2004), que recomenda a coleta de uma amostra de fala espontânea através de uma filmagem, onde o avaliando deve contar um fato ou descrever uma figura, e/ou contar uma história infantil. A amostra deve conter um mínimo de 200 sílabas fluentes. Essa amostra é transcrita ortograficamente; as disfluências são classificadas e computadas pelo número de vezes que aparecem na amostra de fala. É calculado o número de sílabas fluentes por minuto do total da amostra (taxa de articulação); o número de palavras fluentes por minuto (taxa de produção da informação); o percentual de rupturas gagas e o percentual de rupturas totais.

4.2.1.4- Filmadora - Panasonic digital SV – AV20

4.2.2- Procedimento:

Todos os testes da *BAB* apresentavam as instruções para preenchimento das respostas. A primeira página contém a demonstração, a qual foi lida em voz alta pelo administrador do teste. O teste então, só era iniciado após a criança ter entendido como deveria proceder.

A coleta de dados seguiu a seguinte rotina:

- No primeiro encontro os pais e os participantes foram entrevistados e instruídos sobre os procedimentos deste estudo e seus direitos. Nessa etapa,

os responsáveis autorizaram a participação de seus filhos na pesquisa e assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido. Neste mesmo encontro os participantes foram filmados para coletar uma amostra de fala espontânea, com a mínima interferência do avaliador. Foi solicitado à criança que contasse uma história (Chapeuzinho Vermelho, p exp.) e a mesma foi estimulada a falar ao menos 2 minutos, para a análise da fluência.

Ainda no primeiro encontro, os participantes responderam a dois dos quatro protocolos da *BAB*, na versão em português para crianças, recebendo as informações propostas na página que continha a demonstração de cada teste e tão logo, demonstrassem entendimento da explicação, os participantes respondiam individualmente as proposições lidas pelo examinador, autor dessa dissertação.

No segundo encontro, os participantes responderam outros dois protocolos de avaliação. A ordem de administração dos testes foi aleatória, mais de um teste foi administrado por dia, desde que não fossem duas sessões de uma mesma prova como, por exemplo, os testes SSC-ER e SSC-SD. Isto dependeu da ordem dos testes oferecidos ao participante. As crianças receberam as instruções para o preenchimento dos testes e preencheram os exemplos que constam em cada teste junto com o examinador, no caso de haverem dúvidas remanescentes. Durante a coleta, após o pesquisador explicar o objetivo do teste, foi solicitado à criança que respondesse todos os itens de acordo com a sua auto - percepção. Foi também informado à criança que não haviam respostas certas ou erradas e que ela deveria dar a resposta que mais representasse o que pensava a respeito de sua fala.

Após concluída a coleta de dados (análise da fluência e os 4 testes da *BAB*) por cada participante, os dados foram analisados e os resultados

numéricos foram tabulados. No caso da análise da fluência, no que se refere à severidade do quadro, foi computado o número de sílabas e palavras fluentes por minuto e o percentual de rupturas observadas nas amostras de fala. Após essa etapa os dados foram submetidos à análise estatística e foi calculado, o mínimo, o máximo a média e o desvio padrão relativos à pontuação dos testes da *BAB* e das taxas de articulação e de produção de informação e do percentual de rupturas gagas e totais para cada faixa etária e sexo. Após esse cálculo os dados os mesmos dados foram correlacionados através do teste de Pearson.

4.2.2.1- Behavior Assessment Battery - Para a execução desse estudo foi necessário que os protocolos dos testes da *BAB*, já traduzidos, fossem fotocopiados e agrupados em um jogo de 4 protocolos (BCL, SSC-ER, SSC-SD e CAT), para serem devidamente preenchidos.

A seguir encontram- se descritos os testes:

4.2.2.2 - Teste da Atitude da Comunicação para crianças

O teste de Atitude na Comunicação (CAT) para crianças é composto por 33 itens que apontam para a impressão que o indivíduo tem sobre sua fala, associada às crenças sobre sua real condição de falante. A criança marca falso ou verdadeiro, para as atitudes que se encontram relacionadas a sua maneira de falar. O escore do CAT pode variar de 1 a 33 pontos, segundo a auto-percepção da criança sobre a sua fala. Quanto mais o escore se aproxima da pontuação máxima, mais atitudes negativas em relação a sua fala a criança demonstra ter.

O CAT possibilita ao fonoaudiólogo um entendimento sobre a atitude da criança em relação a sua comunicação verbal, retratando o comportamento e as estratégias por ela utilizadas com vistas a uma melhor adequação das propostas terapêuticas que possam viabilizar uma mudança da atitude e conseqüentemente melhorar seu padrão de fluência. Os 33 itens do CAT descrevem a forma como a pessoa pensa sobre a sua fala, por exemplo, "Eu gosto da maneira como eu falo", "Minhas palavras saem facilmente", "Eu não sou um bom falante", etc.

4.2.2.3- Listagem das Situações de Fala: SSC-SD e SSC-ER

Os protocolos das listagens de situações de fala são compostos de 55 itens cada e apresentam duas seções: a SSC-ER, que avalia as reações emocionais que a criança possa apresentar quanto às possíveis dificuldades em seu contexto comunicativo e a SSC-SD que investiga em quais situações a criança trava ou repete sons e palavras ao falar. Em ambas as listagens a criança é solicitada a informar a intensidade em que tais situações acometem sua expressão verbal, seja na freqüência das rupturas ou na intensidade experimentada no medo de gaguejar. As listagens de situações de fala apresentam em cada item a possibilidade do examinando registrar a intensidade da sua gagueira e da sua reação emocional frente a ela que pode ser graduada de 1 a 5, de acordo com sua auto-percepção do problema. Os resultados podem atingir um mínimo de 55 pontos, o que seria considerado sem alteração e 275 pontos, que seria a pontuação máxima. Quanto maior a pontuação alcançada nos testes, mais severo o quadro.

4.2.2.4 - Listagem de Comportamentos: BCL

A BCL constitui-se de 50 comportamentos que podem estar associados à fala do indivíduo gago na tentativa de falar fluentemente. Os comportamentos listados devem ser identificados pela criança como presentes ou ausentes em sua comunicação oral e cada resposta afirmativa recebe um ponto enquanto as respostas negativas, não são pontuadas. Quanto mais alto o escore mais comportamentos são utilizados pela criança para ajudar a palavra a sair.

5. RESULTADOS

Os participantes desta pesquisa foram 22 crianças e adolescentes de 6 a 15 anos, distribuídos em relação ao sexo e idade de acordo com as tabelas 1 e 2.

Tabela 1. Distribuição dos informantes em relação ao sexo.

Sexo	<i>N</i>	<i>percentual</i>
Masculino	19	86,4
Feminino	3	13,6
Total	22	100

A tabela 2 apresenta a distribuição dos informantes em relação à idade. A faixa etária compreendeu o período de 6 anos para idade mínima e 15 anos para a idade máxima, perfazendo uma média de 9,9 anos (DP 2,4). A distribuição dos percentuais para os resultados da amostra coletada estão distribuídos conforme a tabela.

Tabela 2. Distribuição dos informantes em relação à idade.

Idade	N	percentual
6 a 8:11 anos	12	60
9 a 11:11 anos	6	30
12 a 15:11 anos	4	20
Total	22	100

A tabela 3 apresenta os resultados em relação aos escores obtidos pelos informantes, nos quatro protocolos de testes que compõem a bateria da *BAB*. Demonstrando a média, o mínimo, o máximo e o desvio padrão desses dados.

Tabela 3. Escores obtidos nos testes BAB.

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
SSC-SD	22	55	223	108,9	37,4
SSC-ER	22	55	201	100,2	37,9
BCL	22	0	28	14,6	7,6
CAT	22	9	30	18,3	5,4
Válidos (N)	22				

A severidade das 22 amostras de fala espontânea foi calculada pelo percentual do total das disfluências (normais e gags), pelo número de sílabas fluentes e o de palavras fluentes por minuto. A tabela 4 apresenta os dados referentes ao mínimo, máximo e média de variação dos valores da taxa de articulação, taxa de produção de informação, percentual do total de rupturas e percentual de rupturas gags, com base na análise da fluência das 22 crianças participantes da pesquisa.

Tabela 4. Variação dos percentuais obtidos na análise da fluência.

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desv.Padrão
Taxa de art.	22	7,3	201,5	95,2	49,1
Taxa prod.Inf.	22	4,3	117,8	55,5	28,3
Total rupturas	22	6	38,4	13,3	9,1
Total Rup. gags	22	1,7	35,9	9,2	9,3

A tabela 5 mostra os índices de correlação entre os resultados dos testes e o grau de severidade de gagueira utilizando-se o teste de Pearson. Considerou-se um intervalo de confiabilidade de 95%. Em relação à severidade do quadro, observou-se apenas uma tendência à correlação da taxa de produção de informação com o SSCER ($p=0,061$). Os demais índices de severidade (percentual de rupturas e sílabas fluentes por minuto) não apresentaram correlação com nenhum dos testes da *BAB*, mas se correlacionaram entre si de forma significativa. (Tabela 6)

Tabela 5. Correlação entre o desempenho nos testes da *BAB* e o grau de severidade da gagueira.

	SSC SD	SSC ER	BCL	CAT
Tx. de articulação coef.correl.	0,102	0,367	-0,167	0,188
P =	0,652	0,092	0,457	0,401
Tx. de produção de informação(cc)	0,145	0,406	-0,164	0,209
P =	0,521	0,61	0,466	0,351
Total de rupturas coef. Correl	-0,128	-0,68	0,249	-0,87
P =	0,569	0,765	0,264	0,701
Total de rupturas gagas (c.c.)	-0,145	-0,104	0,168	-0,146
=	0,519	0,644	0,456	0,517

Tabela 6. Correlação entre as taxas de articulação, taxas de produção de informação, percentuais de rupturas normais e gagas.

	Tx.art.	tx.prod.	total rup.	Total rup. gagas
Tx. de articulação	1	0,987**	-0,596**	-0,629*
P =	—	0,000	0,003	0,002
Tx. de produção de informação	0,987**	1	-0,563**	-0,596
P =	0,000	—	0,006	0,003
Total de rupturas	-0,596**	-0,563**	1	0,974**
P =	0,03	0,06	—	0,000
Total de rupturas gagas	-0,629**	-0,596**	0,974**	1
P =	0,002	0,003	0,000	—

Foi encontrada correlação entre os testes SSCSD e SSCER ($p= 0,000$), SSC SD e BCL ($p=0,16$) e uma tendência foi observada entre SSC ER e o BCL ($p= 0,67$). O CAT apresentou correlação com todos e os demais testes (SSCER – $p= 0,000$; SSCSD – $p=0,002$; BCL – $p= 0,002$). Estes resultados são apontados na tabela 7.

Tabela 7. Correlação entre o desempenho nos testes da BAB.

	SSC SD	SSC ER	BCL	CAT
SSC SD coef.correlação	1, 000	0, 751**	0, 507*	0, 613**
P =	_____	0, 000	0, 016	0, 002
SSC ER coef.correlação	0, 751**	1, 000	0, 397	0, 692**
P =	0, 000	_____	0, 067	0, 000
BCL coef. correlação	0, 507*	0, 397	1, 000	0, 613**
P =	0, 016	0, 067	_____	0, 002
CAT coef. correlação	0, 613**	0, 692**	0, 613**	1, 000
P =	0, 002	0, 000	0, 002	_____

Não foi realizada nenhuma análise em relação ao gênero uma vez que o número de participantes do sexo masculino era muito superior do que o do sexo feminino.

6. DISCUSSÃO

Os resultados desta pesquisa apontam para um escore médio 18,3 pontos para o CAT (DP=5,4), semelhante ao que foi encontrado nos estudos de Vanryckeghem e Brutten (1991,1996,2001,2008) como ilustrado no gráfico abaixo. Ao mesmo tempo, o resultado encontrado em Vanryckeghem e Mukati (2006) apontaram um índice de 7,44, levando a questionamentos sobre diferenças culturais.

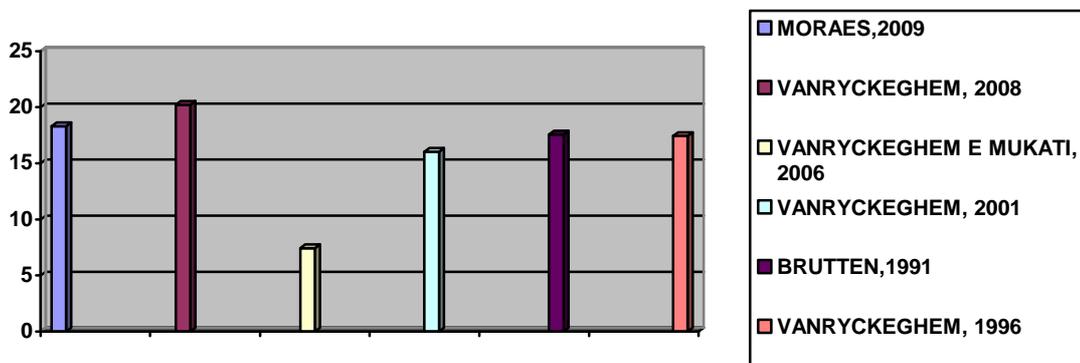


Gráfico1. Estudo Comparativo do CAT nas diferentes pesquisas realizadas por Vanryckeghem e Brutten com crianças que apresentam gagueira e o presente estudo.

Na pesquisa realizada por Brutten (1991) utilizando o CAT–D, foram encontrados valores significativos para a população de gagos investigada quanto aos critérios de atitude na comunicação. Os resultados encontram-se

muito próximos dos encontrados neste estudo, o CAT – D 17,57 (DP= 6,93) e CAT 18,3 (DP = 5,4).

As pesquisas em relação à atitude na comunicação prosseguiram e no estudo de Vanryckeghem (1996), também utilizando a versão do CAT-D, dados com proximidade dos encontrados neste estudo foram relatados. A média encontrada foi de 17,44, enquanto a deste estudo ficou em torno de 18,3 e no estudo de Brutten, (1991) 17,57.

Ainda em relação ao CAT, os resultados desta presente pesquisa (M= 18,3; DP = 5,4) apontam semelhança com os estudos realizados por Vanryckeghem (CAT= 17 pontos (1995); 17,44 (1996); 17,57(Brutten,1991); 16,02 (2001); 7,44(2006) e 20,21 (2008).

No que se refere às listagens de situações de fala SSC ER e SD, nossos dados encontraram valores semelhantes aos observados em crianças paquistanesas fluentes (VANRYCKEGHEM e MUKATI, 2006) e ao mesmo tempo diferentes daqueles realizados com crianças belgas e de TelAviv, o que leva mais uma vez ao questionamento da aplicabilidade do teste nas diferentes culturas. Todos esses resultados encontrados nessa diversidade de estudos evidenciam uma correlação significativa entre as atitudes na comunicação oral do portador de gagueira e suas emoções negativas relacionadas a situações de fala. Baseando-se nos resultados até aqui citados, há condição de relatar que o CAT pode ser um instrumento muito útil na avaliação da atitude na comunicação de crianças que gaguejam.

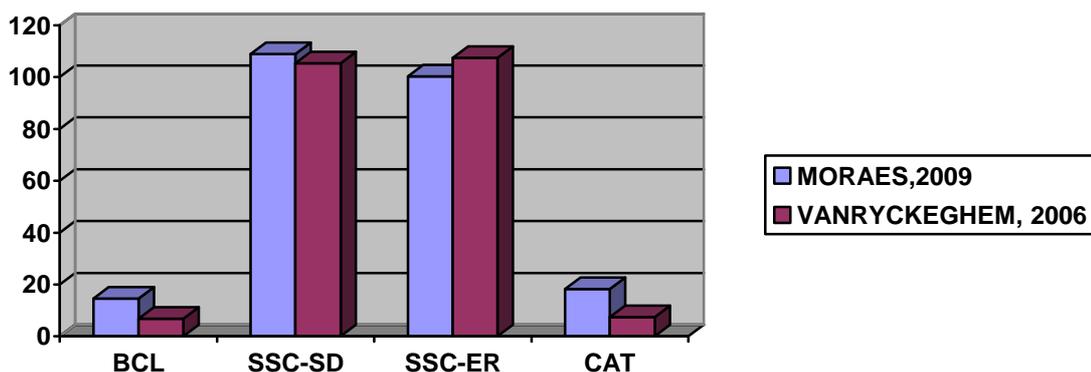


Gráfico 2. Estudo Comparativo entre os resultados dos quatro testes da BAB no estudo de Vanryckeghem, 2006 e o presente estudo.

Nossos resultados apresentaram correlação positiva entre os valores que medem a severidade do quadro (taxa de articulação, taxa de produção de informação, total de rupturas gagas e total de rupturas). No entanto, nossos dados não revelaram qualquer correlação com os dados obtidos nos testes da BAB e a severidade do quadro, o que pode ser devido ao pequeno número de informantes. Este fator também nos impediu de realizar análises relativas à idade e ao sexo, o que seria relevante uma vez que a literatura aponta a influência desses fatores nos resultados da BAB (Vanryckeghem, 1995; Vanryckeghem e Brutton, 1996, Vanryckeghem et al., 2001 e Blood et al., 2007). Com este intuito futuros estudos devem ser conduzidos com uma amostra maior de informantes.

No entanto, os testes da BAB se correlacionaram entre si da seguinte forma: 1- Teste da Atitude da Comunicação para crianças (CAT) que aponta para a percepção intrapessoal do falante correlacionou-se com o SSCSD, SSCER e BCL 2- As Listagens das Situações de Fala: SSC-ER e SSC-SD, que avaliam as reações emocionais apresentada numa contextualização de fala, apresentaram correlações entre SSCSD e CAT; SSCSD e SSCER; e, SCSD e BCL 3 - A Listagem de Comportamentos (BCL) que é descrita para identificar

quais comportamentos positivos ou negativos estão associados à fala do indivíduo, relacionou-se com o SSCSD e CAT.

No estudo realizado por Blood e colaboradores (2007) que pretendeu correlacionar a severidade da gagueira com a ansiedade e auto-estima, os resultados não evidenciaram uma correlação entre gagueira e auto-estima, porém, a ansiedade foi correlacionada significativamente com a severidade de gagueira ($p < 0,001$). No presente estudo foi observada apenas uma tendência à correlação da severidade de gagueira, medida através da taxa de produção de informação, com as emoções negativas em situações de comunicação.

7. CONCLUSÃO

O presente estudo concluiu que a utilização da *BAB* com crianças brasileiras que gaguejam pode fomentar o campo de pesquisa na área da gagueira infantil, a partir dos dados encontrados com essa pequena amostra de participantes. Os resultados revelaram-se significativamente importantes nas correlações apontadas entre todos os testes da *BAB*, que avaliam comportamento, atitude, e emoção negativa associados à fala da criança com gagueira. No entanto, não foi observado correlação entre a severidade de gagueira e os resultados apontados nos testes. Quanto aos resultados dos testes SSC ER e SSC SD houve uma proximidade de valores encontrados entre a pesquisa paquistanesa e a brasileira, o que não foi encontrado no BCL e no CAT. Tal diferença entre os escores evidenciam a importância da cultura nas relações entre fala e atitude na comunicação da criança gaga. Em relação ao CAT, entretanto, os valores encontrados no presente estudo se aproximam bastante de outros estudos conduzidos em outros países. Nossos dados ratificam que o CAT, proporciona à prática clínica fonoaudiológica, a

viabilização de estratégias terapêuticas comportamentais com vistas a uma melhor adaptação do portador de gagueira ao seu problema.

A correlação entre o CAT e os outros testes da BAB, especificamente o SSC-ER, demonstra que a atitude frente a situações de fala da pessoa que gagueja, suas emoções relacionadas à fala e as rupturas no discurso são fatores que deve ser analisados conjuntamente no tratamento do distúrbio.

8. Referências Bibliográficas:

AL-KHALEDI, M.; LINCOLN, M.; McCABE, P.; PACKMAN, A.; ALSHSTTI, T. The attitudes, knowledge and beliefs of Arab parents in Kuwait about stuttering. **Journal of Fluency Disorders**, v.34 ,Elsevier, New York, p.44-59, 2009.

ANDRADE, C. R. F. Processamento da fala – Aspectos da Fluência . **Pró-fono Revista de Atualização Científica**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 69-71, mar. 2000.

ANDRADE, C. R. F. Protocolo para Avaliação da Fluência da Fala. **Pró-fono Revista de Atualização Científica**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 131-134, 2000.

ANDRADE, C. R. F.; ZACKIEWICZ. Seis Parâmetros da Fluência. **Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia**, São Paulo, ano 5, n.7,p.59-64, dez.2000.

ANDRADE, C.R.F. Fluência, In: ANDRADE, C.R.F.; BEFI-LOPES, D.M.; FERNANDES, F.D.M. e WERTZNER, H.F.- ABFW – **Teste de linguagem infantil nas áreas de fonologia, vocabulário, fluência e pragmática**. Carapicuíba: Pró-Fono, 2000. 61 - 75p.

ANDRADE, C.R.F.; CAMPANATTI-OSTIZ, H. E SASSI, F.C. – Terminologia: fluência e desordens da fluência. **Pró-Fono Revista de Atualização Científica**, Carapicuíba, v.13, n.1, p.107-113, mar. 2001.

ANDRADE, C.R.F. História natural da gagueira – estudo I: perfil da fluência. **Pró-Fono Revista de Atualização Científica**, Barueri, SP, v. 14 n.3, p. 351-360, 2002.

ANDRADE, C.R.F. História natural da gagueira – estudo III: vocabulário, fonologia e pragmática. **Pró-fono Revista de Atualização Científica**, Barueri, SP, v. 14 n.3, p. 371-382, 2002. (a)

ANDRADE, C.R.F. Fluência, In: ANDRADE, C.R.F.; BEFI-LOPES, D.M.; FERNANDES, F.D.M. e WERTZNER, H.F.- ABFW – **Teste de linguagem infantil nas áreas de fonologia, vocabulário, fluência e pragmática**. 2ª ed. Carapicuíba: Pró-Fono, 2004, p. 51 – 81.

ANDRADE, C.R.F.; JUSTE, F. Proposta de análise de performance e de evolução em crianças com gagueira desenvolvimental. **Revista CEFAC**, São Paulo, v.7, n.2, 158-70, abr/jun, 2005.

ANDREWS, G; CUTLER, J. Stuttering therapy: the relation between changes in symptom level and attitude. **Journal of Speech and Hearing Disorders**, 1974, 39,312-319.

ARCURI, C.F.; OSBORN, E. SCHIEFER, A.M.; CHIARI, B. M. Taxa de elocução de fala segundo a gravidade da gagueira. **Pró-Fono Revista de Atualização Científica**, vol 21, n.1, Barueri, jan/mar., 2009

BERNARDINI, S.; VANRYCKEGHEM, M.; BRUTTEN, G. J.; COCCO, L; ZAMARICH, C. Communication attitude of Italian children who do and do not stutter. **Journal of Communication Disorders**, n.42, 155-161, 2008.

BLOOD, G.; BLOOD, I.; TELLIS, G. GABEL, R.; MAPP, C. WERTZ,H. and WADE, G. Coping with stuttering during adolescence. **Second World Congress on Fluency Disorders**, 319-323, 1995.

BLOOD, G.W.; BLOOD. I.M.; MALONEY, K. MEYER, C. CONSTANCE, D.Q. Anxiety levels in adolescents who stutter. **Journal of Communication Disorders**, n.40,452-469. october, 2007.

BLOOD, G.; BLOOD, I.; TELLIS, G., GABEL, R.; MAPP, C.; WERTZ, H. WADE, J. **Coping with stuttering during adolescence**. The Pennsylvania University, section11, p. 319-323, 2007.

BLOODSTEIN, O. **A handbook on stuttering**. Chicago, National Easter Seal Society, 4ª ed., 1987.

BRITTO PEREIRA, M. M.; SOARES, E.Q.W.; FERREIRA, R.C.. Disfluência Infantil: tratamento direto x tratamento indireto. **Revista Fono Atual**, São Paulo, nº 15, Março, 2001.

BRITTO PEREIRA, M. M. **Análise Lingüística da Gagueira**. São Paulo: AM3 Artes, 2003.

BRUTTEN, G. & DUNHAM, S. The Communication Attitude Test: Anormative study of grade school children. **Journal of Fluency Disorders**, vol.14, p. 371–377, 1989.

BRUTTEN, G. & VANRYCKEGHEM, M. The relationship between communication attitude and fluency failure of stuttering and nonstuttering children. **Journal of Fluency Disorders**, Vol. 21, p. 109-118, 1996.

BRUTTEN, G. & VANRYCKEGHEM, M. **Behavior Assessment Battery : A multi-dimensional and evidence-based approach to diagnostic and therapeutic decision making for adults who stutter**. Organization for the Integration of Handicapped People, Belgium & Acco Publishers, Netherlands, 2003.

BRUTTEN, G. & VANRYCKEGHEM, M. **Behavior assessment battery for school age children who stutter**. San Diego: Plural Pub. 2007.

BOHNEN.A J. ; OLIVEIRA,A R. A contribuição das neurociências para o entendimento da gagueira. **Revista Fono Atual**, Pancast, São Paulo, ano 7, n. 28, p. 58-65, 2004. Trimestral.

CRAIG, A.R., FRANKLIN, J. & ANDREWS, G., 1984. A scale to measure locus of control of behaviour. **British Journal of Medical Psychology** 57, pp. 173–180

DEGIOVANI, V. M.; CHIARI, B. M.; SCHIEFER, A M. Disfluência: Caracterização dos tipos e freqüência de ocorrência em um grupo de escolares. **Pró-fono Revista de Atualização Científica**, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 32-37, 1999.

DE NIL, L. F.; BRUTTEN, G.J. Speech Associated Attitudes of Stuttering and Nonstuttering Children. **Journal of Speech and Hearing Research**, V. 34, 60-66, 1991

FELSENFELD, S.; KIRK, K.M.; ZHU, G.; STATHAM, D.J.; NEALE, M.C.; MARTIN, N.G. **A study of the genetic and environmental etiology of stuttering in a selected twin sample**. *Behavior Genetic*, v.5, p.359-66, 2000.

GARCIA, S. F. **Análise da fluência verbal de surdos oralizados em Português Brasileiro e usuários de Língua Brasileira de Sinais**. Dissertação de Mestrado, USP, São Paulo, s.n. 2001.

GARGANTINI, M.B.M. Reflexões sobre a gagueira: definição, avaliação e terapia. **Revista Fono Atual**, São Paulo, n 15, 2001.

HENRY, F.M.; REED, V.A.& MCALLISTER, L.L. **Adolescents perception of the relative importance of selected communication skills in their positive peer relationship**. **Language Speech and Hearing Services in Schools**. v 26. 263-273.

INGHAM, R.J. The Communication attitudes and stuttering controversy revisited: comment on Vanryckeghem and Brutten, **Journal of Fluency Disorders**, v.22 , New York, p. 323-326, 1997.

IVERACH, L.; O'BRIAN, S.; JONES, M.; BLOCK, S.; LINCOLN, R.G.; PACKMAN, A.; ONSLOW, M. Prevalence of anxiety disorders among adults seeking speech therapy for stuttering. **Journal of Anxiety Disorders**, Australia, p.1-30, 2009.

JOHNSON, W., & Associates. **The onset of stuttering**. Minneapolis: University Minneapolis Press, 1959.

JUSTE, F. **A influência dos aspectos gramaticais e prosódicos na fala de crianças fluentes e gagas**. Tese de doutoramento. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

JUSTE, F.; ANDRADE, C.R.F. Tipologia das rupturas de fala e classes gramaticais em crianças gagas e fluentes. **Pró-Fono Revista de Atualização Científica**, SP, v. 18, n. 2, maio-ago. 2006

MERÇON, S.M.A.; NEMR, K. Gagueira e disfluência na infância: análise das manifestações clínicas nos seus aspectos qualitativos e quantitativos. **Revista CEFAC**, São Paulo, v.9, 174-9, abr-jun, 2007.

MULCAHY, K.; HENNESSEY, N.; BEILBY, J. Social anxiety and the severity and typography of stuttering in adolescents. **Journal of Fluency Disorders**, New York, p.1-40, 2008.

O' BRIAN, S., PACKMAN, A. & ONSLOW, M. Self rating of stuttering severity as a clinical tool. American **Journal of Speech and Language Pathology**, v.13, n.3 p. 219-226, aug., 2004.

OLIVEIRA, A.M.C.C.; RIBEIRO, I.M.; MERLO, S.; CHIAPPETTA, A.L.M.L. O que fonaudiólogos e estudantes de fonoaudiologia entendem por fluência e disfluência. **Revista CEFAC**, São Paulo, v 9, n.1, 40-6, JAN-MAR, 2007.

ORNSTEIN, A.F; MANNING, W.H. Self-efficacy scaling by adult stutterers. **Journal of Communication Disorders**, v.8, 313-320, 1985.

RILEY, G.D. A Stuttering severity instrument for children and adults. **Journal of Speech and Hearing Disorders**, v. 37 n. 3, p. 314-322 , 1972 .

Rosenberg, M. (1965). **Society and the adolescent self-image**. Princeton, NJ: Princeton University Press.

STARKWEATHER, C. W. & GIVENS-ACKERMAN, J. **Stuttering**. Austin, Pro-Ed, 1997.

VANRYCKEGHEM, M. The communication attitude test: A concordancy investigation of stuttering and non stuttering children and their parents. **Journal of Fluency Disorders**, New York, v.20 n. 2, p. 191-203, 1995.

VANRYCKEGHEM, M.& BRUTTEN, GJ. Communication attitude and fluency failure. **Journal of Fluency Disorders**, New York, v.21 n. 2, p. 109-118, 1996.

VANRYCKEGHEM, M., HYLEBOS, C., BRUTTEN, GJ & PELEMAN, M. The relationship between communication attitude and emotion of children who stutter. **Journal of Fluency Disorders**, New York , v.26 n. 1, p. 1-15, 2001.

VANRYCKEGHEM, M., & BRUTTEN, G. **The KiddyCAT: Communication Attitude Test for Preschoolers and Kindergartners**. Unpublished manuscript, 2002.

VANRYCKEGHEM, M.; BRUTTEN, GJ ; UDDIN, N & VAN BORSEL, J. A comparative investigation of speech associated coping responses reported by adults who do and do not stutter. **Journal of Fluency Disorders**, New York , v.29 n. 3, p. 237-250, 2004.

VANRYCKEGHEM, M.;BRUTTEN, GJ.; HERNANDEZ, L.M. A comparative investigation of the speech-associated attitude of preschool and kindergarten children who do and do not stutter. **Journal of Fluency Disorders**, New York , v.30 ,Elsevier, New York, p.307-318, 2005.

VANRYCKEGHEM,M. e MUKATI, S. The behavior assessment battery: a preliminary study of non stuttering Pakistani grade school children. **International Journal of Language & Communication Disorders**, v.41, n.5, p. 583-589(7), sep-oct. 2006.

VANRYCKEGHEM, M.; SAMAD, A.; MUKATI, B. The Behavior Assessment Battery: a preliminary study of non-stuttering Pakistani grade-school children. **International Journal of Language & Communication Disorders**, v. 41, n.5, p. 583–589, September,2006.

VANRYCKEGHEM, M.& BRUTTEN, GJ. Behavior Assessment Battery for School-Age children who stutter. **Folia Phoniatica et Logopaedica**, San Diego, p. 269-270, october 7 ,2008.

WEISEL, A.; SPEKTOR, G. Attitudes toward own communication and toward stutters. **Journal of Fluency Disorders**, v.23 ,Elsevier, New York, p.157-172, 1998

WINGATE, M. - A standard definition of stuttering. **Journal of Speech and Hearing Disorders**, v. 29, n. 04, p. 484-489, nov. 1964.

WINGATE, M. – The first three words. **Journal of Speech and Hearing Research**, v. 22 ,n. 03, p. 604-612 , september. 1979 .

WOOLF, G. The Perceptions of Stuttering Inventory. **Journal of Disorders of Communication**, 1967, 2, 158-177.

9. APÊNDICES

APÊNDICE 1 - CARTA PARA OBTENÇÃO DO CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PESQUISAS QUE ENVOLVEM: CRIANÇAS, QUESTIONÁRIOS E COLETA DE AMOSTRA DE FALA ATRAVÉS DE FILMAGEM PARA POSTERIOR ANÁLISE DA FLUÊNCIA

Caro(a) Senhor(a)

Eu, Christina Sales Moraes, fonoaudióloga, portadora do CPF 012641907-86, RG04720322-9, estabelecido(a) na Rua Visconde do Rio Branco, 571, aptº 1408 – Centro - Niterói CEP 24020-004, na cidade do Rio de Janeiro, cujo telefone de contato é (21) 2622-1025, vou desenvolver uma pesquisa cujo título é “Tradução e padronização de um instrumento de avaliação do comportamento e da atitude na comunicação em crianças que gaguejam “ OU AVALIAÇÃO DO COMPORTAMENTO . NA COMUNICAÇÃO EM PESSOAS QUE GAGUEJAM

Este estudo tem como objetivo validar um instrumento de avaliação das atitudes comportamentais na comunicação em pessoas que gaguejam, a fim de colaborar para ampliação do conhecimento sobre esses comportamentos associados à gagueira.

Necessito que o/a Sr.(a). permita a execução de uma bateria de quatro protocolos de testes que deverão ser respondidos, bem como a filmagem da amostra espontânea de fala, para posterior análise da fluência.

A avaliação será realizada, na Clínica Escola de Fonoaudiologia da Universidade Veiga de Almeida, em uma sala sem ruídos e a fala será filmada com o auxílio de uma câmera digital para a análise dos dados.

A participação de seu filho (a) nesta pesquisa é voluntária e a avaliação clínica não determinará qualquer risco, nem trará desconfortos. Além disso, a participação de seu filho(a) é importante para o aumento do conhecimento a respeito das atitudes comportamentais que os indivíduos gogos apresentam como traços associados ao seu padrão desviado de fala. Tal estudo poderá colaborar nos tratamentos fonoaudiológicos, podendo beneficiar outras pessoas. Com relação ao procedimento em questão, não existe outra forma e obter tal conhecimento.

Informo que o Sr(a). tem a garantia de acesso, em qualquer etapa do estudo, sobre qualquer esclarecimento de eventuais dúvidas. Se tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Veiga de Almeida, situado na Rua Ibituruna 108 – Tijuca, fone 32343024 e comunique-se com a Profa. Dra. Mônica Medeiros de Britto Pereira.

Também é garantida a liberdade da retirada de consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo.

Garanto que as informações obtidas serão analisadas em conjunto com outras pessoas, não sendo divulgado a identificação de nenhum dos participantes.

O/A Sr(a). tem o direito de ser mantido atualizado sobre os resultados parciais das pesquisas e caso seja solicitado, darei todas as informações que solicitar.

Não existirão despesas ou compensações pessoais para o participante em qualquer fase do estudo, incluindo exames e consultas. Também não há compensação financeira relacionada à sua participação. Se existir qualquer despesa adicional, ela será absorvida pelo orçamento da pesquisa.

Eu me comprometo a utilizar os dados coletados somente para pesquisa e os resultados serão veiculados através de artigos científicos em revistas especializadas e/ou em encontros científicos e congressos, sem nunca tornar possível a sua identificação.

Em anexo está o consentimento livre e esclarecido para ser assinado caso não tenha ficado qualquer dúvida.

APÊNDICE 2 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Acredito ter sido suficiente informado a respeito do estudo “Tradução e padronização de um instrumento de avaliação do comportamento e da atitude na comunicação em crianças que gaguejam “ OU AVALIAÇÃO DO COMPORTAMENTO . NA COMUNICAÇÃO EM PESSOAS QUE GAGUEJAM. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes.

Ficou claro também que a participação de meu filho (a) é isenta de despesas e que tenho garantia do acesso aos resultados e de esclarecer minhas dúvidas a qualquer tempo. Concordo voluntariamente que meu filho (a) participe deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidade ou prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido.

_____ Data ____/____/____

Assinatura do informante

Nome:

Endereço:

RG.

Fone: ()

_____ Data ____/____/____

Assinatura do (a) pesquisador(a)

10 – ANEXO

Anexo 1 – Análise da Fluência

Nome: N. F. de O.

Nascimento: 23/03/2000

Idade: 8,9

Duração – 3,12 minutos = 4,12 min

Eu fui **eh (pp)** ni um sitio que era lá num passeio da escola lá tinha **p:iscina (p) to:b:ogã (2p)** churrasco tinha coisa até **d:ançarinos (p) _eu (b)** almocei lá **eh (pp)** fiz tudo lá de bom é mas eu comi **também (rsil) _café (b)** da manhã **alm:ocei(p)** tinha também piscina dos adultos só que mas eu não quis ir porque era **tinha... (r)** porque era muito fundo lá **t:inha (p) t:ambém (p)** um **t:obogã (p)** que eu estava com medo de ir só que so **aaamiga (2rsil)** minha falou comigo mas ela desceu ai eu **aai(rsil) eu(rf)** também desci **junjunto(rsil)** com ela fiz tudo lá de bom lá e eu voltei também quase de noite lá **do:(p)** sitio ai **aí (rp)** ne quando eu voltei **t:odo (p)** mundo estava **c:antando(p)** lá tinha balanço ai também eu cantei // mais// é o **do...(pi) o dono** também lá o **o(rs)** do sitio também **também (rp)** era super legal também o **o(rp)** dono do sitio a mas também ele brincava com a gente lá também tinha **cc:antores (rs+p)** lá tinha **dan:çarinos(p)** tinha tudo **u (is)** de bom **eh(pp) l:á(p)** tinha batata frita **eh (pp)** frango **eh (pp)** tinha só um **popouquinho (rsil+rs)** de bombom porque que **sos:obrou(rsil+p)** lá tinha mais ate **z:oológico(p)** tinha **tinha (rp)** balanço lá tinha gangorra tinha mas ate tipo um parque mas um pedaço era zoológico o outro **o outro(rf) pe:daço (p) _era(b)** parque e o outro era parque aquático // ah // **eh(pp)** lá **tam:bem(p)** tinha um circo eu também fui lá mas lá também só tinha palhaço lá mas lá não tinha: **(p)** mágico não lá só tinha **só: (p)** palhaço não mas ó foi um pouquinho de **e: (p)** pessoa fui eu e a minha família toda lá no **no (rp)** sitio.

Total de palavras – 270	Total de sílabas – 456
Palavras fluentes – 220	Sílabas fluentes – 398
% rupturas gagas – 7,67 %	Valor de referência: 3 %
% total rupturas – 8,77 %	Valor de referência: 15 %
Taxa de articulação: 96,60 sils/min	Valor de referência: 212 sils/minuto
Taxa de prod info- 53,39 pal/min	Valor de referência: 160 pal/minuto

Disfluências normais	Disfluências gegas
Pausa plena (pp) - 6	Repetição de som (rs) - 3
Revisão (r) - 1	Prolongamento (p) - 21
Palavra interrompida (pi) - 1	Bloqueio (b)- 3
Repetição de frase (rf)- 2	Repetição de sílaba (rsil) - 7
Repetição de palavra (rp) - 5	Intrusão de sons - 1
Total - 15	Total - 35

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)